Por dentro das doenças neurológicas dos pets

Para muitos tutores, o diagnóstico de cinomose ou epilepsia é sinônimo de desespero. Com informações e orientações adequadas, é possível proporcionar uma boa qualidade de vida aos peludos

POR LETÍCIA MOUHAMAD*

As irmãs Patrice e Carina Vasconcelos (de blusa amarela), com Luke e Sentinela: os cães têm suas rotinas compartilhadas no perfil do Instagram *@sentinelaeluke*

Arquivo pessoal

Lidar com as primeiras crises convulsivas do boxer Luke, 8 anos, exigiu equilíbrio emocional da sua tutora, a advogada Patrice Vasconcelos. O medo de perdê-lo e a sensação de impotência a cada internação lhe assustavam. A primeira convulsão ocorreu repentinamente, quando o peludo tinha apenas 2 anos e estava voltando de um passeio, em 2016. O fato deu início à saga de investigações em busca de um diagnóstico, ainda não definitivo. "A grande suspeita é que seja epilepsia, então, nós o tratamos dessa forma, como um cão epilético."

Assim como Patrice, muitos tutores precisam enfrentar os desafios das doenças neurológicas de seus pets. Com manifestações diversas, há patologias curáveis e incuráveis, contagiosas ou intransmissíveis, passíveis de controle e degenerativas. Neste último caso, por exemplo, o propósito está em proporcionar uma boa qualidade de vida ao animal. Daí a necessidade de veterinários e responsáveis agirem em conjunto para decidirem sobre a melhor conduta a tomar nesta rotina de cuidados.

Entre as causas desses problemas, o médico veterinário Gustavo Fedosseeff, especialista em neurologia clínica e atuante na Neuroclin Pet, cita algumas: fatores genéticos, infecções, doenças vasculares, malformações ou neoplasias. Existem, também, doenças idiopáticas, isto é, de origem não aparente ou conhecida, além daquelas motivadas por traumas (quedas, atropelamentos, brigas etc.), relacionadas, por vezes, a situações de maus-tratos. Entretanto, nem todo sinal aparentemente neurológico vai identificar uma enfermidade com esse princípio. Por isso, a importância de uma investigação prévia do quadro.

Complementarmente, a médica veterinária Clarissa Rocha, mestre em saúde animal e ativa na área de neurologia, destaca que a faixa etária pode facilitar o reconhecimento da patologia. Nos pets mais jovens, doenças de origem genética e infecções são mais comuns; nos de meia idade, há maior frequência de hérnias de disco e doenças traumáticas; e naqueles mais velhos, as doenças neoplásicas ou vasculares predominam. Mas, atenção, não se pode excluir nenhuma possibilidade de diagnóstico segundo a idade do animal.

Além disso, certas raças têm predisposição a alguns destes problemas. O dachshund, por exemplo, por conta da estrutura anatômica alongada da coluna, pode desenvolver hérnia de disco, enquanto o poodle, devido a sua longevidade, tem tendência a sofrer de disfunção cognitiva. Tal constatação não exclui, novamente, a possibilidade de as demais raças terem esses distúrbios.

De forma geral, cinomose e epilepsia são as doenças neurológicas que mais atingem os pets. A primeira é contagiosa e tem alta taxa de mortalidade; a segunda é crônica e, geralmente, congênita. Ambas não têm cura.